

Estudos pré-textuais e seus reflexos no ensino de leitura

Eliamar GODOI¹ (PPGEL/GEPEPES/FACED/UFU)
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos
Faculdade de Educação/Universidade Federal de Uberlândia
eliamar@cepae.ufu.br

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o ensino de leitura e os resultados de um estudo sobre ensino da leitura com enfoque em um trabalho com o enunciado de questões discursivas para a interpretação de texto. Percebemos que a leitura deve ser vista como um processo que envolve professor e aluno num trabalho mediado por textos que abranjam a diversidade de seus gêneros contemplando os interesses dos alunos. No cenário atual, mesmo alunos letrados demonstram grande dificuldade quanto à compreensão do texto. Observamos problemas também quanto à compreensão dos enunciados de questões discursivas relacionadas ao texto lido e dificuldades na construção de sentido, além de problemas na formação do aluno como sujeito da linguagem. Esse estudo foi desenvolvido com alunos do ensino fundamental da escola pública por meio de estratégias de ensino de leitura utilizando estudos pré-textuais. Percebemos que essa não-compreensão dos enunciados advém da não-compreensão do texto lido, motivador das questões. Como resultado, concluímos que a articulação de debates, de estudos pré-textuais e de conteúdos multidisciplinares anteriores à leitura, favoreceu na compreensão dos textos lidos e auxiliou os alunos no processo de construção de respostas mais adequadas às questões discursivas propostas para interpretação do texto.

Palavras-chave: estudos pré-textuais; leitura; ensino

1. Aspectos introdutórios

O meu interesse em desenvolver este estudo surgiu ao perceber e reconhecer que, em sala de aula, compreender e seguir as instruções propostas pelos enunciados de uma forma geral e ainda produzir respostas coerentes, adequadas e com certo grau de acerto tem sido um processo bastante complicado para o aluno de escola pública. Isso tem ocorrido, principalmente, nas séries finais do ensino fundamental que abrange alunos de 5ª a 8ª séries.

É perceptível, contudo, que essa não-compreensão dos enunciados advém, de certa forma, da não-compreensão do texto lido, motivador das questões. Como não conseguem abstrair o conteúdo do texto (literário e/ou teórico), provavelmente, não conseguiriam entender nem seguir as instruções indicadas pelos enunciados propostos, tanto em questões discursivas quanto em questões objetivas.

Por isso, esse trabalho tem como objetivo fornecer aos interessados na área do ensino de leitura, subsídios teóricos e algumas sugestões para a prática docente no ensino de Leitura. Pretendemos, ainda apresentar os resultados de um estudo sobre o processo de ensino da Leitura com enfoque num trabalho com o enunciado de questões discursivas para a interpretação de texto que foi desenvolvido com alunos do ensino fundamental da escola pública.

Nesse caso, este estudo se justifica, pois demonstra a relevância de se utilizar estudos pré-textuais como fator motivador da leitura e de se trabalhar com o aluno a compreensão do texto tanto nas linhas como nas entrelinhas, focando análise na estrutura e vocabulário dos enunciados.

Toda questão discursiva se constitui como uma oportunidade de produção de texto que deve ser acompanhada de perto pelo professor ao priorizar a adequada correção dessas atividades. Sabe-se

¹ Doutoranda do Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Políticas e Práticas em Educação Especial – GEPEPES e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. eliamar@cepae.ufu.br

que o acompanhamento de tais atividades requer uma disponibilidade maior de tempo com cada atividade, o que pode atrasar o ritmo do processo. Contudo, essa situação deve ser vista como positiva por parte do professor, já que, caso ocorra esse atraso significa um nível bom de envolvimento tanto do professor quanto dos alunos no processo ensino/aprendizagem.

O objetivo principal seria levar o aluno a compreender o texto interagir com ele e seguir as instruções propostas pelos enunciados de forma geral e específica e, ainda, produzir respostas coerentes, adequadas e com certo grau de acerto por meio de uma ideal compreensão do texto motivador e dos enunciados propostos.

Um trabalho nessa perspectiva, teria como objetivo também formar alunos autônomos no processo de aquisição do conhecimento, incentivando-os à pesquisa e a uma análise mais acurada dos conteúdos estudados, levando-os a acompanharem e participarem de todo o desenrolar do processo de ensino e aprendizagem.

Para isso, um trabalho desse tipo na sala de aula prevê de forma prioritária e direcionada o acompanhamento do professor para cada execução de todas as atividades propostas em sala de aula, pois ao final do estudo o aluno deve estar apto a conseguir lidar de forma mais segura e coerente com os enunciados propostos nos conteúdos estudados.

Por outro lado, a dificuldade do aluno em lidar com os enunciados e de seguir instruções de questões propostas por atividades objetivas e/ou discursivas não ocorre apenas na esfera da Língua Portuguesa como currículo. É perceptível que a não compreensão do texto motivador associada ao desconhecimento da nomenclatura específica de cada disciplina tem levado o aluno a incorrer equívocos que poderiam ser evitados. Por isso, acredita-se que todas as disciplinas do currículo escolar poderiam se utilizar de mecanismos e estratégias de ensino e aprendizagem de Leitura.

Essa característica que envolve todo o contexto escolar em relação ao ensino e aprendizagem de leitura exposto nesse trabalho, o faz um trabalho interdisciplinar, podendo envolver todos os professores interessados em obter um melhor desempenho de seus alunos durante todo o ano. A leitura e produção de texto, análise, execução e correção das atividades executadas em sala de aula demandam tempo e por isso devem ser propostas e acompanhadas de forma específica e prioritária pelo professor. Nesse caso, a avaliação seria um processo contínuo.

Nesse trabalho, primeiramente, apresentamos algumas discussões sobre o processo que envolve o ensino e aprendizagem da leitura e um panorama sobre as condições para que a leitura ocorra. Ainda apresentamos algumas sugestões de trabalho com os estudos pré-textuais como preparação para leitura na sala de aula. Sugerimos, também, um trabalho de levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos juntamente com um trabalho feito com certas palavras componentes do texto. Isso como estratégia para promover certa identificação e/ou familiarização do aluno com o assunto proposto pelo texto selecionado pelo professor para ser lido e discutido na sala de aula.

Logo após, apresentamos uma discussão sobre a interpretação de texto e suas questões de interpretação, além de propormos a Leitura como um evento. Apresentamos também alguns passos para aplicação de nossas sugestões e ainda como decorreu nossa pesquisa e por último nossas considerações finais com os resultados de nosso estudo.

A seguir apresentamos algumas discussões sobre o processo de ensino e aprendizagem de Leitura caracterizando a Leitura como um processo que se constitui na interação professor e aluno e ainda apresentamos alguns pressupostos sobre como ocorre o processo da aprendizagem da Leitura e sua recepção por parte do aluno.

2. A Leitura e seus conflitos: relações e inter-relações

Aqui buscamos fomentar discussões sobre o processo ensino e aprendizagem de Leitura e apresentar um panorama atual sobre a Leitura e o seu ensino em sala de aula regular de ensino e ainda apresentar algumas sugestões de trabalho com o ensino de leitura na sala de aula.

A Leitura, nesse aspecto, é vista como um processo que envolve professor e aluno em que o trabalho deve ser feito mediado por textos que abrangem a diversidade de seus gêneros contemplando os interesses dos alunos. Diante desse contexto, surgem críticas às práticas escolarizadas da produção textual e da leitura.

Nesse sentido, Rodrigues (2005, p.153) esclarece que em função dessas críticas

ganhou força a concepção de que o ensino/aprendizagem dessas práticas como interação verbal social tenha os gêneros do discurso como objeto de ensino, abre-se um novo diálogo, agora tendo como foco, além das noções de interação verbal e dialogismo, a dos gêneros do discurso.

Reconhecer e compreender todas as palavras de um texto não é suficiente para que o leitor compreenda satisfatoriamente seu sentido geral, embora alguns alunos tenham demonstrado déficit de conhecimento em relação ao vocabulário, principalmente no que se refere à nomenclatura específica de várias disciplinas. Mesmo sendo a palavra produto da interação entre autor e leitor é necessário uma série de outras condições para que se compreenda um texto como um todo, especialmente, no que tange à linguagem dos enunciados.

Sabe-se que um leitor competente busca mais do que a leitura literal em um texto, podendo criar e recriar significados. Neste contexto, a palavra se constitui num signo que circula de forma social. E neste sentido, ela se materializa em textos e em discursos diversos ultrapassando a idéia de mera concepção de estrutura. A palavra traz consigo e revela toda uma ideologia.

Num texto, a palavra traz consigo dizeres que produzirão conflitos entre os vários discursos advindos de vários enunciados. Diante disso, acredita-se que para ter habilidades de ler um texto, não basta apenas que o leitor saiba decodificá-lo palavra por palavra. Há fatores primordiais que ancorará estas habilidades e trará a tona o significado do texto como um todo.

Percebemos que o texto se configura como um suporte ou meio da interação. É ele o cenário para que ocorram as interações verbais sociais. Segundo Rodrigues (2005, p. 155) esse tipo de interação “constitui a realidade fundamental da língua e seu modo de existência encontra-se na comunicação discursiva concreta (...) que por sua vez, vincula-se à situação social imediata e ampla”.

Se a leitura não é considerada um processo simples, mesmo para os leitores considerados competentes, ela se tornará um processo um tanto complicado para aqueles que não possuem certos fatores primordiais para a efetivação da aquisição da informação. Esses leitores/aprendizes da escola pública, por exemplo, apresentam, em grande maioria, um déficit muito grande no processo de aquisição de informação através leitura, já que a leitura não faz parte do cotidiano deles.

Por isso, os textos, em maioria, se apresentam a eles como desinteressantes e complexos. Ao ler os textos, os conflitos surgirão de acordo com alguns fatores que envolvem a subjetividade dos alunos. São elementos que num embate entre o texto e o contexto vivido pelos alunos promovem a discussão, o questionamento, a inferência, pressuposições e, portanto, a compreensão.

Esses eventos devem ser estimulados pelo professor antes da leitura propriamente dita. Essas ações antes da leitura são denominadas de ‘levantamento de conhecimentos prévios’. O professor deve ir além. Num trabalho de planejamento, o professor deve observar e levantar todos os aspectos possíveis que favoreceria uma ideal compreensão do tema discorrido ou apresentado no texto.

Aspectos tanto do cotexto quanto do contexto se discutidos com os alunos tendem a favorecer a compreensão do tema proposto. Assim, caso seja possível, o professor deve inclusive levantar um grupo de palavras do texto que eventualmente poderiam provocar alguma limitação da compreensão. Esse grupo de palavras pode ser trabalhado de modo antecipado com os alunos por meio de atividades de produção de texto utilizando-as.

Como sugestão, o professor pode apresentar uma discussão envolvendo as tais palavras e esclarecendo o sentido delas e os vários contextos e depois solicitar aos alunos que após o reconhecimento das palavras trabalhadas produzam um pequeno texto, podendo ser um poema ou uma prosa. Outra sugestão é que tendo em vista a necessidade de se lidar com textos em diversas linguagens e tipos, o professor pode trabalhar com textos autênticos habilitando o aluno compreender textos e estruturas gramaticais da Língua Portuguesa visando ao aprimoramento do aprendiz na área de leitura.

É sabido, no entanto, que as políticas públicas têm adotado uma docência voltada para avanços no processo de ensino visando à melhoria do nível de aprendizagem dos alunos. Nesse caso, são necessários trabalhos voltados para nossa realidade educacional e que façam sentido no contexto de vivência dos alunos. Como a leitura é considerada, atualmente, uma atividade interativa e fonte de conhecimento, de produção de sentido, saber lidar com textos de diversos gêneros representa

autonomia de ações, decisões e até de profissionalização. Saber Ler a sociedade, a realidade, os valores, aprender manusear a linguagem de forma autônoma, tudo isso representa ter memória coletiva, ter cultura, o que significa ter Identidade.

Por isso a Leitura tem tido um enfoque todo especial na sala de aula e tem sido base para o ensino de Linguagem. Assim, podemos ensinar a linguagem com o intuito de construirmos sentidos sempre negociados e compartilhados levando o aluno à apropriação do conhecimento e cultura relevantes para uma saudável interação com a sociedade. Na sala de aula, a linguagem, entretanto, deve ser sempre contextualizada.

Nesse caso, a leitura, ou seja, o manuseio de textos diversos leva o aluno a desenvolver competências e habilidades de se comunicar em diferentes gêneros. Para tanto, devemos esclarecer que o aluno deve reconhecer a leitura como uma atividade interativa de produção de sentido e que saber ler representa uma inserção numa sociedade que é pautada nas práticas de linguagem.

O conhecimento prévio é fundamental para o desenvolvimento da leitura se associando ao conhecimento da linguagem e sobre a própria leitura como estratégias, organização do texto, finalidade, autoria e destinatários. Segundo Soligo (2001, p. 212)

a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que sabe sobre a língua – características do gênero, do portador, do sistema de escrita. Ninguém pode extrair informações do texto escrito decodificando letra por letra, palavra por palavra.

A partir dessa perspectiva, a situação de ensino de leitura deve levar o aluno a se expressar, compreender e produzir textos escritos, parodiar, representar, reescrever, refazer, ou seja, lidar com situações concretas de comunicação. Para isso, o professor pode começar com procedimentos como:

- Levar diversos tipos de textos para a sala de aula;
- Apresentar aos alunos a variedade de textos que nos rodeiam;
- Fazer estudos pré-textuais;
- Analisar títulos;
- Fazer leituras de textos verbais e não verbais;
- Identificar do sentido de palavras ou expressão no texto – estudo do vocabulário;
- Trabalhar atividades de ortografia;
- Localizar informações explícitas no texto;
- Inferir informações implícitas no texto;
- Reconhecer o sentido global ou o tema do texto;
- Produzir textos individuais e coletivos;

Os textos utilizados no trabalho com a leitura devem ser percebidos, apenas, como mecanismo funcional didático e/ou como sugestão de atividades, pois o professor, pensando em criar uma atmosfera de aprendizado e um ‘ambiente de leitura’, é que deve pesquisar os textos que melhor abordem a realidade e o interesse de seus alunos.

Salientamos que o ideal seria trabalhar vários textos relacionados a um mesmo tema. Seria uma abordagem por projetos em que diversos textos integrariam o contexto de um assunto a ser desenvolvido. Assim, se o tema ‘capacitação para o mercado de trabalho’ é relevante, podemos encontrar diversos gêneros de textos que integrariam um grande trabalho. Poderíamos, então, trabalhar artigos de jornais e revistas enfocando o tema, contos, histórias em quadrinhos, poemas, letras de músicas, gravuras, tiras de jornais, propagandas, filmes, etc.

Para que o processo de ensino/aprendizado de leitura e produção de textos seja eficaz, é necessário que haja interação entre os sujeitos. Em meio a esta interação o professor deve fazer o papel de mediador entre o texto e o leitor. Sabe-se que são inúmeras as dificuldades no processamento do sentido do texto como um todo. Normalmente os alunos encontram maior dificuldade na diferença entre a forma falada e a escrita. Estas dificuldades são abordadas por Kleiman (1998) que acrescenta:

As condições da interlocução são muito diferentes, sendo a distância entre os interlocutores uma fonte de grande número de dificuldades (...) Se o leitor tiver ainda outras dificuldades, como desconhecimento do assunto, ou grande número de palavras desconhecidas, então a compreensão se torna praticamente impossível. (KLEIMAN, 1998, p. 37-39).

A autora propõe várias estratégias que auxiliaria o ensino de leitura, para isso o professor deve estar atento para amenizar os problemas que surgirão. Um leitor menos proficiente diante de tais dificuldades pode comprometer totalmente a compreensão. Outro fator causador de dificuldades para o leitor é a ineficiência lexical ou que Kleiman (1996, p. 39) chamou de “grande número de palavras desconhecidas”. Perfetti (1985, p. 113) acrescenta que um acesso lexical ineficiente e lento faz com que dificulte o trabalho de memorização, o que leva a uma baixa produtividade ou a pouca qualidade de leitura.

Perfetti (1985) delimita que a eficiência lexical juntamente com a interação possibilita a eficiência verbal. Sabe-se que a leitura de um texto, cuja maior parte do vocabulário é um tanto desconhecido para o leitor, leva a uma compreensão errônea do sentido proposto pelo texto. Neste caso, o aluno que, geralmente, apresenta um nível vocabular baixo, faz a leitura das frases muito vagarosamente. Isto atrapalha o limite funcional da memória, já que ao chegar ao final da frase o leitor ainda não memorizou o que leu no início.

Agindo dessa forma, tanta interrupção faz com que o aluno não consiga juntar as informações nem perceber o texto como um todo. Restando apenas uma leitura fragmentada e conseqüentemente uma baixa compreensão do que está escrito.

Com o intuito de compreender melhor o processo de leitura torna-se relevante as considerações de Smith (1994) que chama atenção para outras peculiaridades sobre esse processo:

Os pesquisadores devem considerar não somente os olhos, mas também os mecanismos da memória e da atenção, a ansiedade, a capacidade de correr riscos, a natureza e os usos da linguagem, compreensão da fala, as relações interpessoais, as diferenças socioculturais, a aprendizagem geral e a aprendizagem em particular (SMITH, 1999, p. 9).

Este autor acrescenta ainda que o processo de aquisição da leitura se torna mais importante do que como a leitura deveria ser ensinada. Já que ele acredita que as habilidades são adquiridas somente com a prática da leitura. A leitura é conquistada com a experiência e não com o ensino.

Para o psicolinguista Smith (1999) a visão não é o fator primordial para a leitura. Os olhos não vêem em um sentido literal. É o cérebro que determina o que e como vemos ao lermos. As decisões de percepção do cérebro estão baseadas apenas em parte na informação colhida pelos olhos, mas estas percepções são incrivelmente aumentadas pelo cérebro, principalmente favorecidas pelas informações e pelo conhecimento de mundo do aluno.

Dessa forma, os olhos lêem ou vêem o que está impresso e que realmente significa ou traz a informação é aquilo que por traz dos olhos e se apóia no conhecimento prévio do leitor. Um leitor menos instruído ou analfabeto mesmo tendo muitas informações sobre o tema dos textos não conseguirá abstrair informações suficientes para compreendê-lo.

Por outro lado, um leitor mesmo que proficiente, ao se esbarrar com um tema muito complexo e alheio ao seu conhecimento de mundo, também apresentará dificuldades em compreender o texto que seus olhos estejam lendo.

Por isso, sugerimos que os alunos sejam colocados em contato com muitos e diversos tipos de textos durante o máximo de tempo possível. Inicialmente, acompanhado de um mediador até que consiga autonomia.

O professor deve proporcionar um ambiente propício para a leitura. Sendo assim, é importante que o aluno e professor tenham boa interação. Para se iniciar o trabalho de leitura, pode-se iniciar o trabalho com textos informativos retirados de revistas e jornais, pois, se configuram em textos com informações mais concretas.

Pode-se trabalhar, também, com textos retirados da internet, com E-mails, MSNs, cartas, diversos tipos cartões de convite, tira de jornais, revistas em quadrinhos, entre outros que, por ventura, fizerem parte do contexto dos alunos.

Os alunos passam por grandes dificuldades na compreensão de texto e até na interação, pois possuem um conhecimento fragmentado da língua portuguesa. Na sala de aula, além do excesso de elementos e fatores que atrapalham a concentração, o tempo para leitura e interpretação de textos, muitas vezes, é insuficiente para que eles consigam produzir sentido.

Partindo do pressuposto de que uma ativação de conhecimentos prévios do aluno em relação ao tema a ser abordado no texto lido é relevante para a boa leitura do texto, apresentamos os estudos pré-textuais como uma eficiente estratégia para a leitura e compreensão do texto escrito a ser lido pelos alunos.

3. Interpretação de texto: compreensão e enunciados

Compreendendo que a aquisição da Leitura é um processo e que o texto se constitui como um lugar de produção de sentidos, interação, percebe-se que as escolhas lexicais manifestam os objetivos comunicativos do autor e provocam efeitos de sentido no texto. Nesse caso, o conhecimento de mundo e a vivências o leitor são fundamentais para a compreensão do texto. É por meio do texto que o aluno terá a oportunidade de observar os fatos lingüísticos manifestados em situações concretas.

Durante o processo desse estudo, pudemos observar que muitos alunos não conseguiam abstrair ou sintetizar informações por meio da leitura do texto motivador trabalhado pelo professor em sala de aula. No momento de fazer o acompanhamento das respostas produzidas pelos alunos após a leitura, foi observado que não havia estrutura de texto na escrita dos alunos e faltavam muitas informações.

Entretanto, o trabalho com o texto seguia ou reproduzia um esquema fixo em que: abria-se o livro didático na página do texto e os alunos faziam uma leitura silenciosa. Após a leitura silenciosa, o professor fazia um levantamento da compreensão textual por meio de perguntas diretas orais e já passava a interpretação que tinha tido aos alunos e na seqüência pedia que os alunos respondessem por escrito as perguntas de interpretação do texto que apareciam logo a seguir no livro didático.

Assim, sem o hábito da prática de leitura os alunos não conseguiam se manter concentrados para ler o texto, o que os levava a fazer uma leitura fragmentada e superficial e, ainda, a abstraírem apenas alguma informação aparente no texto, mas desfocada, muitas vezes, induzindo-os a constatações errôneas quanto ao conteúdo lido.

Nesse contexto, os alunos não compreendiam o que era lido e nem a instrução do professor e, frequentemente não conseguiam, autonomamente, executar as tarefas propostas em sala de aula. Sabe-se que o aprendizado desses educandos tem se tornado muito mais lento do que o de um leitor competente, pois esse aluno não recebe a mesma quantidade de estímulos ou informações, dificultando o raciocínio e/ou de assimilação do conteúdo.

É por isso que a compreensão dos enunciados referentes aos textos lidos e a formação de conceitos e formulação de respostas adequadas ficam prejudicadas, além de se mostrarem ineficazes.

Dessa forma, esses alunos carecem de um trabalho diferenciado e mais direcionado. Pois, além da necessidade de se montar um trabalho específico para levá-los à compreensão de textos e ao hábito de leitura, torna-se imperativo um enfoque especial no que se refere à compreensão dos enunciados de interpretação de texto que se apresentam por meio de questões discursivas e/ou objetivas.

Sabe-se que o ensino de língua portuguesa pode ser voltado para processos alternativos e diferenciado. Nesse caso, acredita-se que há a possibilidade da construção de sentido e da formação como sujeito da linguagem por meio da leitura e de processos de interação oral ou escrito. Assim, não basta que o professor apenas apresente as atividades de leitura e produção de textos aos alunos e cobre deles a compreensão e a execução acertada.

Percebemos a necessidade de que esse professor consiga se comunicar e motivar esses alunos, já que em uma sala de aula multidisciplinar, os métodos didático-pedagógicos devem estar adequados e voltados a tornar as necessidades dos educandos mais amenas, visando a adequada aquisição da língua portuguesa e/ou a assimilação do conteúdo dado.

O aluno deve perceber nos enunciados de questões discursivas uma oportunidade de produção de texto e um momento de colocar as informações apreendidas de modo ordenado e legível do ponto de vista da compreensão do leitor de seu texto. Esse aprendizado refletirá na boa argumentação ao se

produzir um texto, até mesmo na formulação das respostas a questões discursivas e na compreensão de instruções das questões objetivas referentes ao conteúdo dado.

Desse modo, em sala de aula, o professor (mesmo de outras disciplinas) pode priorizar a leitura tendo a produção de texto como finalização do processo, levando o aluno a perceber que a compreensão global do texto envolvendo o endo e o exotexto é importante para o aprendizado e formação dele como sujeito leitor e produtor de sentidos.

4. Processo de ensino e aprendizagem: contexto de aplicação e metodologia

Um trabalho como esse pode ser aplicado com aulas expositivas dialógicas. Como primeiro passo, o professor pode montar a aula observando a realidade e interesse dos alunos para a escolha de um tema a ser desenvolvido e para esse trabalho, o professor pode elencar inúmeros textos que contemplem a temática escolhida.

Uma boa leitura antecipada da realidade das turmas poderia levantar possíveis dificuldades dos alunos em relação ao tema discutido. Foi assim que procedemos nosso estudo. Desse modo, apresentamos aqui os nossos passos como sugestão para orientar os passos dos demais docentes interessados em aplicar essa nossa experiência.

Detectadas as dificuldades e eleito o tema a ser trabalhado, o professor poderá, antes da aplicação do texto principal, fazer um levantamento do conhecimento prévio do aluno/leitor por meio de um debate sobre o assunto do texto e propor a leitura de inúmeros gêneros textuais que compõe a temática abordada no texto principal.

Esse conjunto pode ser constituído por diversos textos verbais e não verbais: notícias, poemas, gravuras, tiras, história em quadrinhos, etc. Nesse momento, o vocabulário técnico e/ou possivelmente desconhecido dos alunos que aparecerão no texto principal poderão ser antecipado e esclarecido com intuito de facilitar a compreensão geral e específica do texto a ser lido, agilizando o processo de leitura.

Terminadas e esgotadas as dinâmicas e as inferências e esclarecido o vocabulário ou termos desconhecidos, o professor deve apresentar o texto principal para ser lido pelos alunos. Após, terminada a leitura o professor propõe novo debate para salientar as partes principais do texto, levantar as críticas e esclarecer dúvidas sobre o tema, além de contextualizar o texto ao universo do educando.

Depois de esgotadas as possibilidades de dúvidas e/ou esclarecimentos, o professor deve propor a execução das atividades de compreensão do texto por meio de um estudo dirigido com questões discursivas. Devem ser ressaltadas, nesse momento, as possíveis dificuldades de compreensão dos enunciados e o esclarecimento de algum termo desconhecido.

O aluno deve ser alertado para a necessidade de leitura com a máxima atenção para que se consiga produzir uma resposta completa, coerente e acertada. Isso tanto para questões discursivas quanto para as objetivas, se necessário o aluno deve ser orientado a fragmentar o enunciado e buscar sentido de cada parte, sempre com objetivo de compreender as instruções e segui-las passo a passo.

Nesse momento, sem a interferência do professor, o aluno deve ter o tempo suficiente para executar as atividades que não devem ser muito longas, pois pode desestimulá-los. O professor deve esclarecer que somente no momento da correção é que serão esclarecidas todas as dúvidas que ocorrerão no decorrer da execução.

A correção se constitui como o momento mais importante para o necessário esclarecimento das dúvidas surgidas no decorrer das atividades. É quando o professor verificará o maior número de respostas possíveis entre os alunos e elegerá as mais adequadas. Terminadas as verificações o professor monta uma resposta ideal juntamente com os alunos que não conseguiram êxito no processo como estratégia de respostas que se mantenham no tema.

Essa ação pode evitar os recorrentes erros. Para que os alunos consigam executar as atividades com êxito, o professor pode sugerir aos alunos que ao analisar o enunciado se cerque das informações relevantes do mesmo e utilize a parte que contenha o maior número de informações do enunciado como início da resposta. Isso levará o aluno a se manter no tema conseguindo desenvolver uma resposta coerente e completa evitando falta ou excesso de informação.

Nesse espaço de tempo, o professor poderá usar o próprio enunciado que está sendo corrigido como exemplo dessa técnica, lembrando ao aluno, sempre que possível, que toda questão discursiva se constitui com a oportunidade de uma pequena produção de texto com toda sua peculiaridade.

Na execução e correção das questões objetivas o professor deve, também, dar uma especial atenção, já que esse tipo de questão envolve todo um processo de interpretação e de desvendamento de termos que poderão levar o aluno ao erro.

Assim, no processo de correção o professor deve chamar a atenção do aluno salientando as possíveis dificuldades e esclarecê-lo como se sobressair a elas. O aluno deve ser lembrado a todo o momento que não se pode subestimar ou superestimar nenhum tipo de questão, já que todas essas atividades se constituem como processo avaliativo sobre o conhecimento e/ou sobre a aprendizagem, embora envolva, também, a auto-avaliação do desempenho do professor no contexto de ensino.

Enfim, a autonomia do aluno no processo de ensino/aprendizagem deve ser sempre buscada tanto professor quanto pelo aluno. Acredita-se que desenvolvendo as estratégias propostas acima, a conquista dessa autonomia se torna possível, contudo, o envolvimento e a interação professor/aluno devem ser constantes em busca de um objetivo mútuo.

Caso o aluno consiga manipular e resolver as questões propostas pelos enunciados e/ou consiga buscar meios de responder e ou pesquisar autonomamente suas dúvidas, será uma conquista de ambos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e um objetivo a ser buscado tanto pelo professor quanto pelo aluno. É, por isso, que o professor deve sempre trabalhar, incentivar e preparar o aluno para a conquista da autonomia na aquisição do conhecimento.

Trata-se de um trabalho que deverá acontecer em sala de aula em meio à aplicação do plano de aula e de curso com o acréscimo dessa técnica. O trabalho específico com os textos e as questões devem fazer parte do método de aplicação de conteúdo e acoplado à didática de ensino do professor por meio de aulas expositivas dialógicas. O trabalho de leitura é visto nesse contexto como um evento que envolve diversas estratégias de apresentação da temática e manuseio dos textos, constituindo-se em um processo.

Em relação ao processo avaliativo, a execução de um trabalho como esse viabiliza ao professor ser observador de sua própria prática, já que na interação professor/aluno ficam visíveis os efeitos de seu desempenho. Caso seja um efeito negativo, esse professor tem a oportunidade de rever suas falhas e melhorar o nível de alcance de seus ensinamentos.

Já o processo avaliativo, em relação ao desempenho dos alunos, prevê avaliação quantitativa e qualitativa, sendo essa de forma contínua e aquela de forma esporádica. Nesse caso, os resultados de tais avaliações devem ser cotidianamente comentados e relatados aos alunos envolvidos. Essa atitude pode elevar a auto-estima e a motivação dos envolvidos por meio de constantes *feed-backs*.

5. Considerações Finais

O ensino de Leitura deve sempre ter como objetivo propiciar aos alunos a oportunidade de formular hipóteses de leitura a partir da leitura do título, de debate sobre o tema, da observação de imagens e de questões sobre o tema ou tipo de texto que será lido. Diante disso, vimos nos estudos pré-textuais e no levantamento dos conhecimentos prévios do aluno uma relevante possibilidade de se conseguir inseri-lo no contexto social e por meio de uma interação efetiva.

Segundo Solé (1998) é a partir dos conhecimentos prévios, ou seja, do que o aluno já sabe, e por meio de sua bagagem de experiências que o aluno atribui significado ao que lê. No decorrer da leitura os alunos devem ser estimulados a confirmarem ou refutarem as hipóteses levantadas e ajustarem os sentidos conferidos ao tema trabalhado no processo de compreensão do texto.

No caso do aluno dos anos finais do ensino fundamental, os estudos pré-textuais devem ser trabalhados detalhadamente e com bastante empenho para compensar sua carência de informação. Os estudos pré-textuais funcionam como um apoio que o auxiliará na aquisição da leitura do texto em Língua Portuguesa.

Quanto mais conhecimento sobre o tema e vocabulário sobre o assunto o aluno obtiver, maior será a compreensão do texto a ser lido. Por isso, sempre que possível o professor deve conseguir diversos elementos que ativem o conhecimento de mundo do aluno: gravuras representativas do tema a

ser trabalhado em sala de aula, propor dinâmicas de grupo, montar debates, tudo isso como forma de se preparar para a leitura propriamente dita.

Em relação ao trabalho com o vocabulário, os estudos pré-textuais, também, servem para antecipar as palavras consideradas desconhecidas pelos alunos. Nesse caso, o professor, conhecedor do nível de conhecimento vocabular de sua turma, ao preparar a aula, deve fazer um levantamento dessas palavras no texto para apresentarem aos alunos e trabalhar o significado antes do primeiro contato com o texto.

Acreditamos que os textos devem abordar assuntos que sejam interessantes para os alunos e bastantes relevantes. Um trabalho utilizando textos autênticos representativos da temática proposta pelo professor poderia servir de estímulo para organizar um relevante material para desenvolver estudos pré-textuais, constituindo-se como outra sugestão de trabalho com leitura.

Um dos objetivos de se trabalhar com textos autênticos seria o de levar o aluno perceber que pode desenvolver certa autonomia em lidar com os diversos veículos de informação e motivar os alunos a se capacitarem para serem integrados e inseridos no mercado de trabalho e na comunidade como um todo. O professor deve apostar na qualificação profissional do aluno advinda de competências desenvolvidas por meio da leitura.

Enfim, pudemos perceber como resultado de nosso estudo que trabalhos envolvendo estudos pré-textuais como processo de ativação dos conhecimentos prévios dos alunos pode auxiliar bastante no processo de Leitura e pode deixar a aula bem interessante. Percebemos ainda que um texto bem trabalhado no sentido de envolver todos os alunos no evento da Leitura proporcionou resultados animadores no que se refere ao trabalho com os enunciados das questões de interpretação dos textos trabalhados.

Tivemos um número bem pequeno que alunos que não conseguiram desenvolver estratégias de produção de texto a partir da leitura do tema proposto. Conseguimos fazer das discussões sobre o tema abordado, formas de aclararem a compreensão do texto e ainda promovemos a interação entre alunos e professores. A adequada seleção do assunto e a leitura contextualizada se constituíram em processos indispensáveis que contribuíram bastante para a compreensão dos textos lidos e motivaram bastante a participação dos alunos.

Enfim, os professores devem garantir que todos os alunos sejam admitidos no processo ensino e aprendizagem de Leitura, onde eles podem perceber a linguagem escrita empregada de maneiras diferentes, úteis e significativas. As atividades de interpretação de texto não devem ser enfatizadas à custa da significação para o aluno.

Muitas vezes, os maiores problemas desses alunos são em consequência de um não pré-requisito da experiência de leitura. Os professores não devem permitir que os seus alunos sejam vítimas dos efeitos de testes e programas que podem convencê-los que ler é algo ruim, sem sentido, sofrido e desnecessário. Pois ler é algo que poder ser satisfatório, útil e muitas vezes divertido.

Referências

KLEIMAN, A. **Oficina de Leitura** : teoria e prática. 6. ed. Campinas: Pontes, 1998.

PERFETTI, C. A. **Reading Ability**. New York: Published by Oxford University Press, 1985.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: **Gêneros**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SMITH, F. **Leitura Significativa**. 3. ed. Porto Alegre – RS: Artmed, 1999.

SOLÉ, I. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOLIGO, R. Para ensinar a ler. In: SÃO PAULO. Secretaria da Educação. **Ler e escrever**: Programa de Formação de Professores Alfabetizadores: coletânea de textos: módulo 1. Organização de Cristiane Pelissari. Brasília: MEC/SEF, 2001.